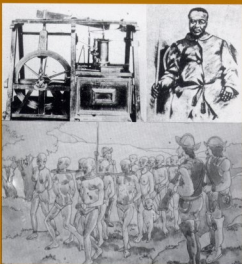


LUÍS FERNANDO  
E  
TERESA NHAMPULE

# HISTÓRIA

9<sup>a</sup> CLASSE



*D*iname

## O Mundo Capitalista do Capitalismo de Livre Concorrência ao Imperialismo na Segunda Metade do Séc. XIX

### Quadro cronológico do período

Ano	Acontecimentos
1850	
1882	<ul style="list-style-type: none"><li>• Crescente desenvolvimento económico dos Estados Unidos e da Alemanha</li><li>• Segunda fase da Revolução Industrial/Capitalismo financeiro</li><li>• Formação da Tripla Aliança</li></ul>
1884	<ul style="list-style-type: none"><li>• Grandes viagens de exploração em África</li><li>• Conferência de Berlim ( — 1885)</li></ul>
1886	<ul style="list-style-type: none"><li>• Acordos entre as potências europeias sobre as fronteiras das colónias em África ( — 1892)</li></ul>
1889	<ul style="list-style-type: none"><li>• Início da 2ª Internacional</li></ul>
1898	<ul style="list-style-type: none"><li>• Primeiras guerras imperialistas</li><li>• Guerra Hispano-Americana</li></ul>
1899	<ul style="list-style-type: none"><li>• Guerra Angolo-Bóer ( — 1902)</li></ul>
1904	<ul style="list-style-type: none"><li>• Formação da Entente Cordiale</li><li>• Guerra Russo-Japonesa ( — 1905)</li></ul>
1914	<ul style="list-style-type: none"><li>• Início da Primeira Guerra Mundial ( — 1918)</li></ul>

Do último quartel do século XIX à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o capitalismo conheceu uma nova etapa de desenvolvimento — o capitalismo monopolista. Regra geral caracteriza-se por três elementos fundamentais:

- Concentração monopolista ao nível das empresas privadas em muitos dos mais importantes sectores da economia;
- Exportação de capitais privados e recrudescimento do sistema colonial;
- Afirmação da importância do capital financeiro tanto no processo de concentração como na exportação de capitais e na exploração das colónias.

## **A concentração monopolista**

A expressão "monopólio" ou "concentração capitalista" aplica-se à situação em que uma indústria (ou outro sector da economia) é controlada por um número muito reduzido de grandes empresas que estão em condições de impor os seus preços aos consumidores.

Mas para produzir, as novas técnicas implicam a utilização de maquinaria muito cara e as grandes empresas exigem investimentos que envolvem somas elevadíssimas que não estão ao alcance de um único indivíduo, daí a necessidade de reunião de capitais de vários capitalistas.

Com esta junção de acções, o capital deixa de ser apropriado individualmente para passar a ser objecto de propriedade social.

A partir de então, verifica-se que a passagem do capitalismo de concorrência ao capitalismo monopolista significou uma mudança na estrutura económica do capitalismo, da seguinte forma:

- Da multidão de pequenas empresas por um número restrito de grandes empresas que ocupam posições monopolistas;
- Do pequeno capitalista individual pela grande sociedade anónima;
- Do operário isolado pelo sindicato.

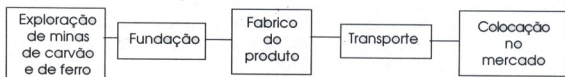
A partir de 1870, o processo de concentração pode se explicar tendo como bases os seguintes factores:

— A concentração é a consequência directa da concorrência. Esta centra-se na busca incessante de novas condições de produção, capazes de permitir custos de produção mais baixos, única maneira de aumentar os lucros. Exactamente por isso, a concorrência era e é incompatível com a ineficiência. Por isso, as empresas que não acompanham os progressos técnicos estão condenadas a desaparecer, fechando as portas ou sendo absorvidas por outras que aumentam cada vez mais a sua capacidade de produção e o seu poderio.

## Formas de concentração

*Concentração vertical ou integração* — agrupamento de empresas ligadas às várias etapas ou fases da produção, desde a obtenção da matéria-prima à venda do produto final. Este tipo de concentração é frequente na metalurgia.

### Um exemplo de concentração vertical



*Concentração horizontal* — associação de empresas que controlam a fase final e, em alguns casos, as fases intermediárias da produção. Este tipo de concentração comporta vários tipos de grandes grupos monopolistas, tais como:

*cartéis* — associações de várias empresas dedicadas ao mesmo ramo de produção e que, sem perderem a sua autonomia, monopolizam o mercado;

*trusts* — grupos de empresas com orientação económica comum, mas que, ao associarem-se, perdem a independência.

Estas formas de concentração, realizam-se na plena fase da segunda Revolução Industrial, onde o petróleo e a electricidade surgem como novas fontes de energia. A par do carvão e do vapor de água, vão aplicar-se à indústria e aos transportes, permitindo a substituição do motor a vapor pelo motor de explosão e pelo motor eléctrico.

A utilização de energia eléctrica veio permitir a sincronização do trabalho e a produção em série, o que favoreceu as grandes empresas. As novas técnicas de siderurgia vieram condenar definitivamente os pequenos altos-fornos que utilizavam a madeira como combustível e obrigar a constituição de grandes empresas capazes de suportar os enormes encargos financeiros impostos pela tecnologia moderna.

## O desenvolvimento de novas contradições na Sociedade Capitalista e entre os Estados Imperialistas

A concentração tornou possível o entendimento entre as grandes empresas no sentido de não baixarem os preços, o que muitas vezes implica a limitação da produção.

Assim, os capitais acumulados são investidos em outros sectores ainda não monopolizados, onde com menos investimentos se possa extrair o máximo de lucros ou, estender-se por meio da exportação de capitais para os territórios ainda não abrangidos pela acção dos monopólios.

Assim se explica o movimento de exportação de capitais que se inicia nos finais do século XIX, quando nos países industrializados da Europa surgiu um excedente de capitais que requeria novos campos de investimento. A partir de então, os interesses monopolistas orientam-se para as seguintes regiões:

O Canadá, a África do Sul, a Austrália, a Nova Zelândia, os restantes territórios coloniais da África e da Ásia, os países semi-colonizados da América Latina e da Europa Oriental.

A necessidade económica dos países industrializados levou-os, nesta época, a intensificar as viagens de exploração colonial.

Lê o texto:

*A primeira forma de colonização é a que oferece um asilo e trabalho ao acréscimo da população dos países pobres ou aos que encerram uma população exuberante.*

*Mas há outra forma de colonização: é a que se adapta aos povos que têm ou um excedente de capitais, ou um excedente de produtos. Essa é a forma moderna. (...)*

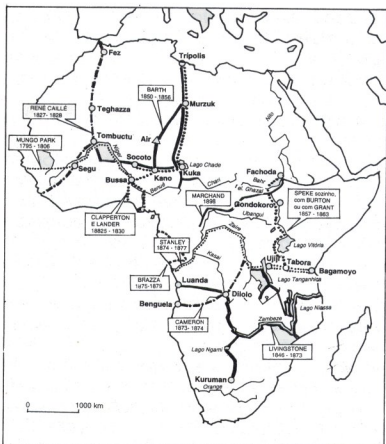
*As colónias são para os países ricos uma colocação de capitais mais vantajosa. (...) A França que é rica tem interesse em considerar a questão colonial nesta perspectiva.*

*Mas, Senhores, há um outro aspecto mais importante desta questão e que ultrapassa este.*

*A questão colonial é, para os países votados pela própria natureza da sua indústria a uma grande exportação, a questão da industrialização e das exportações.*

J. Ferry, Journal Official, cit in AAVV, História do 9º Ano.

A competição entre as potências imperialistas pela conquista das colónias no último quartel do século XIX; veio agravar os conflitos entre as potências imperialistas, visto que estas, tinham em vista, os mesmos objectivos: o domínio do mercado para venda de produtos industriais, a posse de matérias-primas, a exploração de mão-de-obra barata e a aquisição de lucros. É neste quadro que se realiza a Conferência de Berlim (1884-1885).



Mapa 14 As explorações em África no séc. XIX

## EXERCÍCIOS

1. Quais são os três elementos fundamentais que caracterizam o capitalismo monopolista?
2. Diferencia o capitalismo industrial do imperialismo.
3. Como explica a necessidade de exportação de capitais.
4. Indica as novas regiões para onde estes são canalizados.
5. Observa o mapa e identifica o explorador que atingiu algumas regiões do nosso país, a quando da corrida para África.

## As Grandes Potências Imperialistas e a Partilha do Mundo

Conferência de Berlim (1884-1885), expansão imperialista e implantação do sistema colonial em África e na Ásia; (O papel de Portugal na penetração imperialista.)

A corrida colonial traz consigo graves conflitos entre as potências imperialistas. Com efeito, Leopoldo II da Bélgica, interessado em criar uma colónia em África, envia Stanley a explorar o curso superior no Congo (1874-1878). A França, movida pelo mesmo espírito, financia a empresa de Brazza que se desenvolvia paralelamente com a de Stanley, nessa

mesma região (1875-1878). Nasce daí um conflito de interesses entre os dois países. Por outro lado, a Alemanha de Bismarck, que chegou tardiamente a esta corrida, pretende criar, também, um império colonial. Por isso, aproveita a questão do Congo e promove uma conferência internacional em Berlim.

A Conferência de Berlim (1884-1885), tomou as seguintes decisões:

Lê o Texto:

*Acta Geral elaborada em Berlim a 26 de Fevereiro de 1886 entre a França, Alemanha, Áustria, Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Itália, Países-Baixos, Portugal, Rússia, Noruega e Turquia para regular a liberdade de comércio nas bacias do Congo e do Níger, bem como as novas ocupações de territórios na costa Ocidental de África. (...) Unidos de plenos poderes, discutiram e adoptaram (...):*

*Artº 1 - O comércio de todas as nações gozará duma completa liberdade em todos os territórios que constituem a bacia do Congo e dos seus afluentes. (...)*

*Artº 9 - Conforme os princípios do direito das gentes tal como são reconhecidos pelas potências signatárias, sendo interdito o tráfico de escravos, e as operações que, por mar ou por terra forneçam escravos ao tráfico, devendo ser igualmente interdito, as Potências que exerçam ou venham a exercer direitos de soberania ou influência nos territórios que constituem a bacia convencional do Congo, declaram que esses territórios não poderão servir nem de mercado, nem de via de trânsito para o tráfico de escravos de qualquer raça que sejam.*

*Artº 13 - A navegação no Congo é e continuará a ser inteiramente livre para os navios mercantes. (...)*

*Artº 34 - A potência que, de futuro, tome posse de um território nas costas do continente africano situado fora das suas possessões actuais, ou que, não as tendo, venha a adquiri-las, acompanhará a Acta respectiva duma notificação dirigida às outras potências signatárias da mesma Acta.*

*Artº 35 - As potências signatárias da presente Acta reconhecem a obrigação de assegurar, nos territórios por elas ocupados, nas costas do continente africano, a existência de uma autoridade suficiente para fazer respeitar os direitos e, se for caso disso, a liberdade do comércio e do trânsito nas condições em que ela for estipulada.*

Tratado de Berlim 1885.

1. Com que objectivos é realizada a Conferência de Berlim?
2. Identifica os países que nela participaram.
3. Identifica o artigo que ditou o princípio de ocupação efectiva ao continente africano.
4. Justifica o interesse dos países europeus pela partilha da África.

Assim, em resultado da Conferência de Berlim, são fixadas as regras que passam a regular os interesses coloniais europeus em África, tendo como objectivo político, os interesses do mundo dos negócios: a industrialização, que confirma e intensifica o facto colonial.

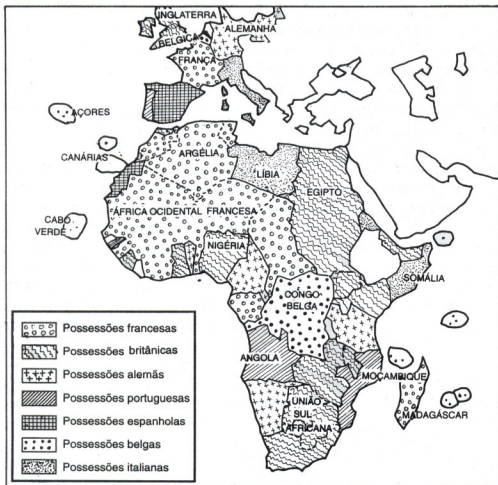
Na curta duração de duas décadas — de 1800 a 1900 — realiza-se a quase total partilha da África pelas potências colonizadoras. O continente africano, até aí pouco explorado, vai oferecer abundantes matérias-primas: metais, madeiras, marfim, oleaginosas, e, vastas zonas de plantação de cacau, café e chá. Com modalidades diferentes consoante a potência dominadora, progride a "modernização" da África — constroem-se vias férreas, surgem novas cidades comerciais e mineiras, adoptando os modelos europeus de urbanização. Nelas habitam os colonizadores brancos, que segregam para a periferia os povos negros.

As sociedades tradicionais são fragmentadas pela nova divisão política que respeita mais as fronteiras naturais (lagos, rios, etc.), do que as etnias, assim, reinos e estados africanos existentes ficaram separados e divididos por uma e outra potência colonial, inicia um progresso de regressão.

### Observa os Mapas



Mapa 15 África nas vésperas da expansão imperialista



Mapa 16 A Partilha de África pelas potências imperialistas

## EXERCÍCIOS

1. Descreve a realidade política do nosso continente antes da expansão imperialista.
2. Identifica a potência europeia que deteve maiores domínios no nosso continente.
3. Identifica a potência europeia que colonizou o nosso país.
4. Dá exemplos que demonstrem que as fronteiras africanas foram fixadas de forma arbitrária pelas potências imperialistas.

Entretanto, as ambições imperialistas não se limitaram apenas ao nosso continente, elas, faziam-se sentir, também no continente asiático, onde a abertura do Canal de Suez (1869), o interesse pela China e o desejo de proteger territórios já adquiridos (Índia, por exemplo) estimulam as intervenções — a Inglaterra opõe-se no Oriente aos interesses franceses, os países industrializados estabeleceram entrepostos comerciais na China, e a Rússia, expandiu-se para a Sibéria e para o Pacífico.

## Observa os Mapas

Assim, em finais do século XIX, vastos territórios africanos e asiáticos encontram-se sob o domínio político e económico da Europa. Entre as potências europeias que partilharam África e Ásia, a Inglaterra e a França dispõem de numerosos e ricos impérios coloniais.

### O papel de Portugal na penetração imperialista

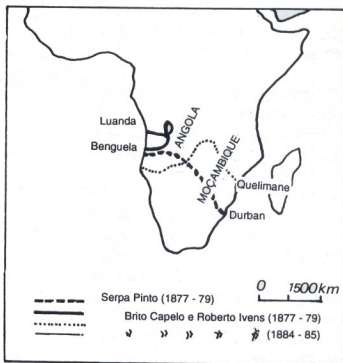
Portugal nunca conheceu uma autêntica revolução industrial. Grande parte da população activa (cerca de 60% em 1890 e 57% em 1911), continuava ocupada numa agricultura atrasada e, por isso, pouco produtiva.

A partir de 1870, Portugal vê os seus interesses coloniais ameaçados pelas grandes potências, como a Inglaterra e a Alemanha. Daí que tenha enviado, tal como Bélgica e França, vários exploradores para África, entre eles, (Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens, Serpa Pinto, Paiva de Andrade, nas décadas de 1870 e 1880), procurando constituir um vasto império, desde Angola a Moçambique.

Foi nestas circunstâncias que Portugal tentou, em vão, na Conferência de Berlim, de-



Mapa 17 Expansão europeia no sudeste da Ásia (1914)



Mapa 18 Viagens de exploração em África



*O que o Governo de S. M. deseja e em que insiste é no seguinte: Que se enviem ao governador de Moçambique instruções telegráficas para que todas e quaisquer forças militares portuguesas actualmente no Chire e nos países dos Macololos e Machonas se retirem. O Governo de S. M. entende que, sem isto, as seguranças dadas pelo Governo português são ilusórias.*

*M. Petre ver-se-á obrigado, à vista das suas instruções, a deixar imediatamente Lisboa, com todos os membros da sua legação, se uma resposta satisfatória à precedente intimação não for por ele recebido esta tarde; e o navio de S. M. Enchantress está em Vigo, esperando as suas ordens*

As contradições que se verificaram na altura da partilha de África acabaram por ditar o traçado das fronteiras do nosso país, na base de acordos entre Portugal, Alemanha e Inglaterra, da seguinte forma:

- em 1886, Portugal assinou um tratado com a Alemanha que limitou a fronteira, ao longo do rio Rovuma, entre o Tanganyca (então colónia alemã) e a parte norte de Moçambique;
- em 11 de junho de 1891, Portugal estabeleceu um tratado com a Inglaterra que fixava as fronteiras entre a Niassalândia, as Rodésias (então colónias britânicas) e Moçambique.

Estes acordos resolveram os conflitos entre as potências colonialistas na região e se delimitou a área do nosso país.

## EXERCÍCIOS

1. Explica o movimento de expansão colonial europeia no século XIX.
2. Explica o interesse dos países europeus pela partilha da África
3. Explica o Ultimato Inglês a Portugal.
4. Justifica a atitude passiva do governo português, face à exigência inglesa.
5. Define os seguintes conceitos:
  - exportação de capital;
  - corrida colonial;
  - ocupação efectiva;
  - monopólio.

## A luta dos Estados Africanos contra a Ocupação Efectiva

A Conferência de Berlim (1884-1885) significou uma agressão. Uma agressão de Estados contra os povos africanos. A essa agressão combinada, os povos africanos opuseram uma tenaz e heróica resistência, que se prolongou até à segunda década do século XX.



*Fig. 85 Conferência de Berlim*

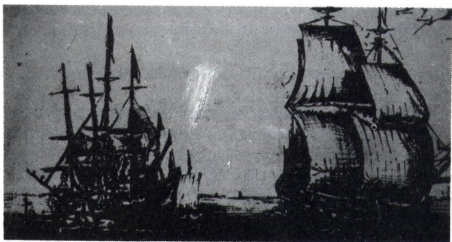
Neste capítulo, vamos analisar apenas, a situação de algumas regiões da África Austral.

Na África Austral viviam os povos khoisan e os bantu.

A partir de 1652, o Cabo de Boa Esperança passou a ser habitado por uma comunidade holandesa que ali estabeleceu inicialmente, um entreposto comercial voltado para a Índia e Indonésia. Os colonos holandeses desenvolviam uma economia agro-pastoril e mercantil. A população colona cresceu rapidamente e, por isso, ocupou novas terras onde pudesse praticar a agricultura e a criação de gado. Dominou as populações khoisan que aí se encontravam, expropriou as suas terras de pastagem e o gado. Importou escravos da África Oriental e Indonésia para trabalhos domésticos, de agricultura e outros. Para além disso, exigia às populações submetidas o pagamento de tributos em trabalho, gado e marfim, à semelhança do que se fazia no feudalismo.

Em 1688, os colonos são reforçados com a chegada de huguenotes (população francesa seguidora da doutrina Calvinista).

Mais tarde, em 1815, por deliberação do Congresso de Viena, a colónia do Cabo passa formalmente para o domínio inglês.



*Fig. 86 Chegada dos primeiros colonos holandeses ao Cabo (expedição de Jan Van Riebeck - 1652)*

Muito cedo verificam-se choques entre os colonos ingleses e bóeres, devido às diferenças de produção, resultantes das técnicas aplicadas no processo produtivo.

Os bóeres dedicavam-se à agricultura e à criação de gado. Estas actividades realizavam-se à custa do trabalho servil da mão-de-obra africana. Enquanto que os ingleses, que já haviam realizado a Revolução Industrial, desenvolviam um sistema de produção com base no trabalho assalariado, introduzindo inovações como:

- abolição da escravatura e sua substituição pelo trabalho assalariado;
- abolição de algumas práticas que colocavam os negros na situação de meros objectos dos seus donos;
- redução gradual do uso da língua africânder nos serviços públicos, escolas etc.

Em virtude da interferência britânica no modo da vida dos bóeres, milhares de colonos holandeses decidem, em 1835, abandonarem a colónia do Cabo e marcharem para o norte, a fim de procurarem territórios onde se estabelecessem e conservassem o seu modo de vida. A este abandono dos afrikaners do Cabo para Natal Transvaal e Kimberley, é conhecido pelo nome de Trek-Boer (Grande Migração).

Trek-Boer — foi uma manifestação de resistência ao avanço do capitalismo britânico na região.

Chegados às planícies do Natal, os afrikaners envolveram-se em guerras com os zulus (vencidos em 1839), chefiados por Dingane.

No período de (1835-1837) como resultados da Grande-Migração os afrikaners fundaram duas repúblicas: o Transvaal (1852) e o Estado Livre de Orange (1854).

Os afrikaners continuaram com a economia agro-pecuária nas novas regiões que ocuparam.

Até (1867-1871), período da descoberta das minas de diamantes em Kimberley (Estado Livre de Orange), os ingleses não se preocuparam em impedir a autonomia política dos estados bóeres, uma vez que o controlo dos portos costeiros das regiões do Cabo e Natal garantia-lhes vantagens económicas, porque por eles passavam as importações e exportações que os bóeres tinham de fazer.

1. Na sequência de Trek-Bóer, os afrikaners fundaram alguns Estados. Quais são?
2. Que obstáculos os Bóeres encontraram na fundação dos seus Estados?
3. O que entende por Trek-Bóer?

## **A Resistência Zulu ao domínio britânico**

Com a descoberta de importantes jazidas de diamantes em Kimberley (1867), os colonos britânicos passaram a interessar-se pela zona.

A exploração destas riquezas exigia uma mão-de-obra barata, com salários muito baixos, o que não era aliciante para a aristocracia e para a população zulu. Uma solução é preconizada para satisfação dos objectivos do capital mineiro britânico — invasão do território e submissão da população zulu.

## **Fases da conquista do território**

Dezembro de 1878 — As autoridades britânicas enviam um ultimato a Cetswayo, chefe zulu, para num prazo de 30 dias, desmantelar todo o seu exército. O chefe zulu não aceitou o ultimato.

Janeiro de 1870 — Uma expedição militar britânica, invade o território zulu (Batalha de Isandlwana). Os zulu saíram vitoriosos nesta batalha.

Mais tarde, reorganizado e reforçado, o exército britânico invade novamente o território (Batalha de Ulundi).

A resistência zulu é quebrada. Os soldados britânicos sofrem muitas baixas em homens e material. O chefe zulu é capturado e deportado para o Natal.

Com a derrota dos zulus, o território é dividido em treze chefaturas. Trata-se de uma estratégia para enfraquecer a unidade dos zulus. Desta forma, a população zulu foi integrada compulsivamente na economia capitalista.

## **A resistência à ocupação colonial no Sudoeste Africano (Namíbia)**

Como sabes, na região da África Austral, a Grã-Bretanha não era a única potência imperialista. Houve outras potências que se entusiasmaram pela sua ocupação, enfrentando, também, as resistências dos povos africanos.

O Sudoeste africano (Namíbia) sofreu, a partir de 1880, o domínio colonial alemão, que enfrentou a resistência de várias tribos locais:

— os hereros, chefiados por Samuel Herero, procuraram limitar a penetração colonial através de “tratados de protecção” com os colonos britânicos do Cabo e com a própria Alemanha;

— os namas, chefiados por Hendrick Witbooi, tentaram aliar-se aos hereros para enfrentar militarmente, mas sem êxito, as tropas coloniais;

— os ovambos, na região norte, tentaram com igual vigor defender o seu território dos ataques portugueses e alemães. Após alguma resistência, acabaram por celebrar “tratados de protecção” com a Alemanha.



*Fig. 87 Samuel Herero, chefe herero*



*Fig. 88 Hendrick Witbooi, chefe da resistência nama contra os alemães*

Um dos últimos chefes da resistência a cair, foi Jacob Murenga em 1907. Depois de ter chefiado uma grande revolta constituída por hereros e namas, conhecida por "a revolta dos Bondeswarts" (1903).

Fracassadas as resistências, instalou-se a ocupação colonial, que se prolongou até ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com a derrota da Alemanha nessa guerra, a Namíbia passou a ser administrada pela Sociedade das Nações.

Mais tarde é anexada e colonizada pela África do Sul racista.

Em 21 de Março de 1990, o território tornou-se independente.

1. Identifica os chefes que se notabilizaram na resistência contra a ocupação alemã.
2. Quais as razões que apresenta Hendrick Witbooi contra o que se chama "Protecção?"

## **As lutas de resistência à ocupação colonial em Moçambique**

Na sequência de cumprimento das cláusulas da acta geral de Berlim (1884-1885), Portugal lançou-se no processo de destruição das unidades políticas africanas como primeiro passo para a ocupação efectiva.

Na segunda metade do século XIX, no nosso país existiam estados, reinos e núcleos étnicos.

## **A Resistência no Sul de Moçambique**

As campanhas militares de ocupação tiveram início no Sul de Moçambique em 1895.

Nesta região os portugueses tinham que enfrentar o Império de Gaza, que compreendia vastas áreas das actuais províncias de Gaza, Inhambane, Maputo, Manica e Sofala.

Para os portugueses, a destruição do Império de Gaza era pertinente, visto que constituiria uma base forte para a sua afirmação como potência colonizadora, bem como para o início das guerras a norte do território. Por isso, que o definiram como o primeiro alvo a abater.

Apesar dos "tratados de vassalagem" assinados por Muzila e Ngungunhane, António Enes (comissário régio de Moçambique), não via com bons olhos, a relação do Rei de Gaza (Ngungunhane), com a British South Africa Company por isso, traçou um plano para a conquista de Gaza.

Esse plano compreendeu manobras diplomáticas junto da corte de Gaza e um trabalho intenso de preparação militar que incluía o envio de vários emissários à corte de Gaza, com os seguintes objectivos:

- impedir que Ngungunhane ganhe força no campo militar, convencendo-o de que não haveria ataques ao seu território;
- impedir que Ngungunhane se alie à Companhia de Moçambique, o que, a verificar-se, prejudicaria os interesses dos portugueses;
- evitar o estabelecimento de negociações entre o império de Gaza e a British South Africa Company, cujo representante máximo era Cecil Rhodes.

Para o início das hostilidades, os portugueses tomaram como pretexto, uma pequena agitação verificada nas terras da coroa de Angoana, em Marracuene, em torno da disputa de terras.

1. Indica as razões que levaram os portugueses a definir o império de Gaza como primeiro alvo a destruir.
2. Para além dos portugueses, quais são os outros agentes que estavam interessados no domínio da região?

Nas circunstância das disputas de terras (Angoana), os chefes Mahazule e Nuamantibjana, de Magaia e Zixaxa respectivamente, uniram-se contra as ameaças militares portuguesas e travaram a Batalha de Marracuene, (2 de Fevereiro de 1895). A superioridade bélica do inimigo obrigou os dois chefes africanos



*Fig. 89 Ngungunhane, imperador de Gaza*

a procurarem refúgio nas terras do imperados de Gaga (Ngungunhane), onde foram bem acolhidos. A recusa de Ngungunhane ao pedido dos portugueses de entregar os dois exilados (Chefes Mahazule e Nuamantibjana), justificou as operações militares contra Gaza, que desenrolaram-se em três frentes:

- 8 de Setembro de 1895 — Uma coluna portuguesa, vinda do sul, trava uma violenta batalha em Magul, onde se encontrava refugiado Nuamantibjana.
- 7 de Novembro de 1895 — Uma outra coluna, vinda de Inhambane, defronta-se com o exército de Gaza, em Cooleia, perto de Manjacaze.
- Outubro de 1895 — Uma esquadilha de embarcações pénétra pelo vale fluvial do Limpopo e submete Xai-Xai e Bilene.

## Observa o mapa

A violência do ataque desorganizou o estado de Gaza e o imperador refugiou-se em Chaimite, onde acabou por ser preso por Mouzinho de Albuquerque.

Após a prisão, Ngungunhane é levado para Portugal, juntamente com o seu filho Godide e um tio seu, Nuamantibjana. Morreu exilado nos Açores, em 1906.

Em 1985, 79 anos após a sua morte no exílio, os restos mortais de Ngungunhane retornam a Moçambique, já independente. Entretanto, a resistência à dominação colonial portuguesa no nosso país não termina com a prisão de Nungunhane. Maguiguane, novo comandante dos regimentos dos guerreiros de Gaza, fixa-se em Guijá, região ainda não organizada, sob ponto de vista administrativo português, e prossegue com a resistência.



Mapa 21 O Estado de Gaza, sobre o ataque português (Setembro/Novembro de 1895)



Fig. 90 Mouzinho de Albuquerque



Fig. 91 Prisão de Ngungunhane em Chaimite (1895)

Mobiliza as populações para não pagarem mais tributos aos portugueses e reúne gente para mover guerra aos ocupantes. Pouco depois conquista o pequeno posto de Palule.

Derrotado em Macontene, região entre Chibuto e Chaimite, Maguiguane retira-se em direcção ao Transvaal. Pelo caminho, foi surpreendido por uma coluna de soldados coloniais e sipaios, travou uma batalha, onde defendeu-se até à morte (21 de Julho de 1897).

Na região de Maputo, que mantinha certa autonomia, sob chefia de rei Nguanaze, Mouzinho de Albuquerque, tenta capturar este chefe, (Fevereiro de 1896).

O plano não surtiu efeito, porque o chefe Nguanaze conseguiu escapar-se e refugiou-se em território sob domínio britânico, a sul da Ponta do Ouro, onde estabeleceu o seu reino.

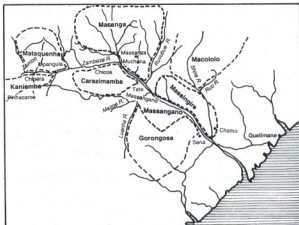
1. Menciona os principais métodos utilizados pelos colonizadores para a destruição do estado de Gaza.
2. Identifica a principal figura que derrotou a resistência, no Sul do nosso país.
3. Indica as principais figuras da resistência à ocupação colonial no Sul de Moçambique.

## A Resistência no Centro de Moçambique

Politicamente, a zona centro, (Manica, Sofala, Zambézia e Tete) apresentava uma fragmentação, dum lado, existiam os estados militares e do outro lado, os prazos. Por essa razão, a resistência assumiu uma dimensão especial.

Para apaziguar esta zona, Portugal opta pela política de (dividir para reinar), isto é, efectuou alianças com alguns deles, para depois empreender a conquista de outros.

### Observa o mapa



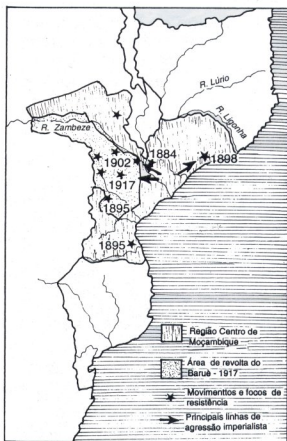
Mapa 22 Estados Militares do Vale do Zambeze

Estas formações políticas que haviam herdado as táticas de luta desde o período de caça e do tráfico de escravos, exigiram de Portugal a mobilização de grandes recursos e de apoio externo.

A formação política que mais problemas criou aos portugueses foi o estado de Bárue, que resultou da desagregação do estado de Mutapa. O estado de Barué era poderoso e com grande capacidade militar, graças a isso, tinha conseguido resistir às constantes disputas com os estados militares vizinhos e aos ataques dos invasores Nguni.

O poderio militar do estado de Barué justifica-se a partir de material bélico que possuía, — cerca de sete mil armas modernas e uma quantidade considerável de pólvora — adquiridos nos mercados português e indianos em troca de ouro e marfim.

Em 30 de Julho de 1902, as forças portuguesas, compostas por três pelotões de soldados portugueses e africanos e por dois mil soldados de reserva, invadiram o Barué. Após uma prolongada resistência, as unidades militares de Barué, comandadas por chefes corajosos como Macombe Hanga, Mafunda, Cambuamba, Cadendere e outros, são derrotados (1902). Entretanto, a resistência prosseguiu até 1917.



Mapa 23 A resistência no Centro de Moçambique

O outro foco de resistência que se notabilizou nesta região foi o caso de Maganja da Costa, ocupada militarmente em 1898.

Os factores que ditaram a vitória dos portugueses são os seguintes:

- utilização de inovações tecnológicas no material bélico, como o uso da metralhadora e da artilharia;
- recurso a recrutamentos de tropas em Angola, Inhambane, Lourenço Marques e Norte de Moçambique, e reforço de trinta mil soldados Nguni, além do auxílio militar recebido da Rodési e da Niassalândia;
- alguns erros táticos e deserções que se verificaram nas tropas de Barué.

Para além das acções militares, a diplomacia desempenhou, também, um papel impotante na derrota das resistências, exemplo:

— O acordo de 1889, assinado entre a Companhia de Moçambique e o império de Gaza, que culmina com a concessão à Companhia de direitos mineiros e territoriais na zona de Manica. Este facto, obrigou a aristocracia a transferir a sua capital de Mossurize para Manjacaze.

— Em 1893, um outro acordo foi assinado pelo Ngungunhane e a Companhia de Moçambique, no qual, o rei de Gaza, renunciava à parte do imposto dos seus vassalalos, nos territórios a norte do rio Save, a favor da Companhia de Moçambique.

1. Fala da realidade política da região Centro do nosso país antes da invasão portuguesa.
2. Identifica as principais figuras da resistência à ocupação colonial nesta região.
3. Que factores ditaram a derrota do Estado de Barué?

## A Resistência no Norte de Moçambique

### *Província de Nampula*

Mouzinho de Albuquerque, comandante que aprisionou Ngungunhane (1895), agora, como substituto do Comissário Régio (António Enes), empreendeu, na Província de Nampula, uma campanha sem sucessos, para dominar a região de macuana (1896-1897).

Apesar da superioridade bélica dos portugueses, os chefes desta região (de Memba a Moma), optaram por uma estratégia comum, na luta contra a ocupação colonial portuguesa, — formação de confederações. — Estes chefes dominavam os portos do litoral e o comércio com o interior.

Os grandes chefes das aristocracias swahilizadás (amwene e



Mapa 24 A resistência na província de Nampula

xeiques), explorando a grande coesão social e ideológica que a linhagem conferia às confederações guerreiras, souberam, como classe dominante, fazer uma guerra popular.

Entretanto, em 1905, os portugueses, num novo plano de ocupação, que consistia na penetração a partir da costa, pelos vales dos rios Lúrio, Mecuburi, Monapo, Mongincual, Meluli e Ligonha, e valendo-se da colaboração de alguns chefes tradicionais que estavam em conflitos com alguns escravagistas da costa, foi possível a ocupação de toda a Província.

## A Resistência nas Províncias de Cabo Delgado e do Niassa

A resistência à ocupação militar colonial nos territórios que constituem hoje as províncias de Cabo Delgado e do Niassa foi sufocada em 1920. Para o efeito, o governo português empregou forças auxiliares e tropas regulares, num plano que foi cumprido em três fases, da seguinte forma:

1ª fase - Os portugueses, passando da ilha do Ibo para o continente, tentaram assinar "tratados de vassalagem" com os chefes locais que permitissem reclamar, a nível da diplomacia internacional, a posse do Norte de Moçambique. Em 1890, os portugueses fazem uma expedição pelo rio Lugenda, e é derrotada nas terras do chefe Mataca (observa os mapas).

2ª fase - Em 1891, os portugueses entregam os territórios de Cabo Delgado e do Niassa à Companhia do Niassa.

Com o apoio dos soldados portugueses e sipaios moçambicanos, a Companhia tenta ocupar vastas regiões do interior. Nesta circunstância, é destruída a povoação do chefe Mataca e erguido um posto militar em Metarica.

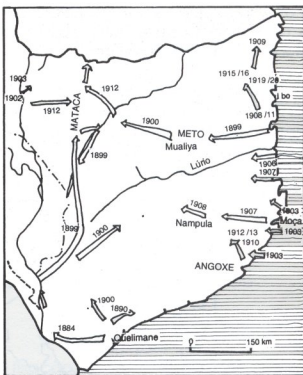


Mapa 25 A resistência nas províncias de Cabo Delgado e do Niassa, p. 194

Entre 1900 e 1902, são ocupadas as povoações de Mesumba e de Metangula.

A aderência da população camponesa na luta contra a ocupação e contra o trabalho forçado, acabou por expulsar os representantes da Companhia do Niassa em muitas regiões situadas entre o rio Lugenda e o lago Niassa.

3ª fase - Em 1910, a Companhia consegue mais dinheiro para as operações de conquista. O território do chefe Mataka é sistematicamente violado e as aldeias destruídas. É construído um posto militar em Oizulo, e, em 1912, é tentada a ocupação total do Cabo Delgado e do Niassa.



Mapa 26 Ocupação colonial no Norte de Moçambique. p. 194

4ª fase - Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os portugueses estabelecem comandos militares e guarnições e ocupam o planalto Maconde.

Entre 1919 e 1920, a Companhia recuperou as posições deixadas pelo Estado português.

Conquistado o vasto território da região norte de Moçambique, a Companhia iniciou a montagem do aparelho administrativo assente fundamentalmente nas baionetas, sipaios e administradores e, em algumas regiões, com a colaboração das autoridades tribais.

A resistência maconde foi aparentemente o último foco da resistência em Moçambique.

1. Explica como foi organizada a resistência à ocupação colonial na província de Nampula.
2. Identifica as principais figuras da resistência nesta província.
3. Mostra como foi quebrada a resistência na mesma província.
4. Quais são os agentes da ocupação colonial nas províncias de Cabo Delgado e do Niassa.
5. Explica como foi organizada a resistência à ocupação colonial nas províncias de Cabo Delgado e do Niassa.

## As resistências no resto do continente africano

Os exemplos que estudámos sobre as resistências à ocupação colonial no nosso continente, não são os únicos casos que as potências colonizadoras conheceram.

Lê o texto e observa o mapa:

*"Na realidade, sempre houve uma resistência através de toda a África Negra. E mesmo quando a ordem parecia reinar oficialmente, prosseguia a resistência sob outras formas".*

(Ki-Zerbo, História da África Negra, II, p.98)



1 - Insurreição dos egípcios contra os britânicos (1881-1919)

2 - Derrota dos italianos frente aos etíopes — (1896) sob a chefia de Menelik

3 - Revolta Kikuyu (1922) e Masai contra os britânicos

4 - Revolta das tribos hehês (1891) e maji-maji (1905) contra os alemães

5 - Guerra shona (1896) e dos

matabeles contra os britânicos (1893-1896)

6 - Guerra dos zulus contra os britânicos

7 - Revolta dos hereros, names e ovambos contra os alemães (1904)

8 - Revolta dos cuanhamas (1897) e ovimbundus contra os portugueses

9 - Revolta dos bakongo (1913) contra os portugueses

10 - Revolta do reino do Daomé dirigida por Bchanzim

11 - Revoltas lideradas por Sat-Dyor Diop (1842-1886), Mamadu Lamine Dramé (cerca de 1840-1886) contra os franceses

12 - Revolta liderada por Mal el Ainin (até 1912)

13 - Guerra dos beduínos contra os italianos (1921-1931)

Mapa 27 Principais focos de resistência em África

Por todo o continente, os africanos resistiram, negando a dominação e ocupação estrangeiras.

Apesar da sua bravura, as resistências acabaram por ser temporariamente silenciadas pela força das armas, pela coerção, pela violência física.

Iniciava-se assim a pilhagem e a exploração ao serviço das potências colonialistas europeias, em detrimento do desenvolvimento dos estados e povos africanos.

Como consequências da ocupação estrangeiras podemos destacar:

- destruição das unidades políticas existentes;
- supressão das guerras étnicas;
- montagem da estrutura político-administrativa colonial;
- imposição do trabalho forçado;
- institucionalização do "imposto de palhota", que podia ser pago em géneros de exportação (amendoim, gergelim, cera, milho, mapira, arroz, etc.)

## EXERCÍCIOS

1. Diga quais foram as razões da fixação da comunidade holandesa na região do Cabo da Boa Esperança e escreva o seu modo de vida.
2. Aponta as causas e as consequências do Great Trek.
3. Explica qual era o interesse dos britânicos na zona.
4. Aponta as razões que enfraqueceram a resistência à ocupação no território da actual Namíbia.  
— Diga quais foram os chefes que se distinguiram na resistência à ocupação deste território.
5. Desenha no teu caderno o mapa de Moçambique, assinalando as principais áreas de resistência.
6. Relaciona cada um dos chefes mencionados no texto com as áreas respectivas.